

DUAS PAGINAS

DE UM LIVRO

COMEDIA EM TRES ACTOS

ORIGINAL

DE

XISTO DE PAULA BAHIA.

MARANHÃO.

1872.

817

7
À MINHA MULHER.

Não encontro phrases bastante expressivas para dizer-te o praser que sinto dedicando-te este meu primeiro trabalho. Se nelle ha algum merecimento, mais do que a mim, a ti pertence, pois só animado pela felicidade que me fazes gozar poderia eu conceber e levar ao cabo esta empreza. Aceita-o.

XISTO.

PERSONAGENS.

O COMMENDADOR.....	55	anos
O BARÃO DE BIRIBÁ.....	50	»
LEANDRO.....	28	»
EDUARDO.....	20	»
BELMIRO.....	16	»
O DR. ISMAEL.....	40	»
MARIA.....	18	»
JULIA.....	25	»
D. CARLOTA.....		
UM CRIADO.....		

A acção passa-se no Rio de Janeiro.

ACTUALIDADE.

p 9

ACTO 1.º

Jardim com grade ao fundo, dando para uma montanha.—A E. B. a fachada de uma casa de campo.—Na A. um pavilhão com uma grande janella gothica e uma escada de seis degraus, tudo de bom gosto.—A D. A. uma rêde de pennas está armada em duas das arvores que formam o bosque.—Na B. sofás de ferro, cadeiras, mezas pequenas, &c. É dia: vê-se o interior do pavilhão.

SCENA 1.ª

EDUARDO, JULIA, MARIA E O COMMENDADOR, Maria embala-se na rêde. Julia, sentada em uma cadeira, faz uma capella de boninas. Eduardo desenha sobre a montanha sentado em um tamborete e debaixo de um chapéo de sol que está amarrado a uma vara. O commendador dentro do pavilhão lê um jornal. Primeiro passeia como attrahido pela leitura e depois senta-se á janella.

MARIA, *ouve-se dar' oito horas.*

Já oito horas! Que linda manhã?

JULIA, *indicando Eduardo.*

É ainda mais bonita pelos bons madrugadores que ella nos deu.

MARIA.

Ja reparaste?

JULIA.

Primeiro que tu, e no entanto nada é commigo.

Maherosa!...

MARIA
p-20
JULIA.

Nunca vi pontualidade mais britânica!...

MARIA.

Por que dizes isso?

JULIA.

Disseste-me hontem que hoje ás oito horas elle devia se achar alli. Pois bem: ainda não eram sete horas e meia e já o teu Rafael lá se installavã como um bom apreciador da natureza.

MARIA, *sahindo da rede.*

E reprovás isso?

JULIA.

Pelo contrario, louvo. Se o emprazasses para as seis, então é que com certesa vinha apanhar a *natureza em flagrante (Ri).*

MARIA.

Vê se meu pai já desceu?

JULIA, *voltando-se na cadeira*

Lá está elle absorvido na pagina dos anuncios, ou
na dos câmbios e metais

MARIA.

Será crível que ainda hoje não possa fallar a Eduardo?

JULIA.

Estás no supplicio de Tantaló!

MARIA.

Não escarneças!...

JULIA.

Que martyrio! E o grande caso é que a teu joven pintor n'aquella posição, nada distrahe. Estará com effeito desenhando? Que attitudo respeitosa! (*Tem-se levantado e contempla-o.*)

MARIA, *imita-a.*

É Salvador Roza desenhando a cabana do Salteador.

JULIA, *voltando-se.*

Bravo! gostei da comparação!...

MARIA.

É para veres!...

JULIA.

Na posição parece-se mais com o nosso exercito no

Passo da patria. Quando seremos o *Hayirú* daquelle encouraçado ?

MARIA.

Quando apresentar-se-lhe uma boa occasião. Bem sabes que um artista não é com facilidade admittido n'uma casa aristocratica.

JULIA.

Desgraçadamente isto é uma grande verdade !

MARIA.

Porém esse mesmo respeito, esse silencio que a meu respeito guarda, é a prova mais evidente de seu amor.

JULIA.

Sem duvida. É artista, e basta. Dizem os poetas que são esses, os timidos, os ingenuos. Dize-me uma cousa: ainda não foi apresentado a teu pai ?

MARIA.

E quem o apresentaria ? De mais a mais deprehen-
do das suas cartas o elevado orgulho que tem em
ser artista, pobre, e orphão de pai e mãe. Falla-me do
amor que me tem como se fallasse no amor dos an-

jos para com Deus. Pinta-me tão bem o seu caracter modesto e susceptivel ao mesmo tempo, que receio offendel-o com a minima observação que lhe faça á cerca da nossa terrivel situação. Espera um dia poder vencer esta difficuldade social, esta estúpida desigualdade. Mas, por ora, resigna-se, e ama-me no maior silencio.

JULIA.

Amor de poeta, amor dos anjos.

MARIA.

Amor de poeta, dizes; amor santo, devias dizer tambem. E no entanto suffocamos com mãos de ferro esse amor casto, puro, com receio do desprezo geral...

JULIA.

Geral, não.

MARIA.

Geral, sim! Porque a alta sociedade julga degradada a mulher por um tal amor, ao mesmo tempo que a baixa insulta o homem por que julga-o vendido ao nosso dinheiro.

JULIA.

Distingue ao menos as excepções.

MARIA.

São tão poucas que nem se apontão. Se porém o amor é de um grande, de um banqueiro, ou de um

especulador politico, que procura subir seja por que escada fôr, alardeia-se o amor por toda parte ! Pre-ga-se cartaz de ostentação, com a vaidade propria d'a-quelles que jã temos visto fazel-o com a maior desfa-çatez ! Mas o artista ! Que importa que lhe sobejem os bons sentimentos ! Que importa que seja honrado, se para os nossos homens a honra não desconta let-tras !

JULIA.

Estás hoje muito exaltada.

MARIA

Por que tortura-me este pensamento. Luto nesta duvida horrivel, que me allucina; medito seriamente neste amor, primeiro para mim, e com certeza ultimo para o meu coração !.

JULIA.

Nestes casos resta-nos ainda um direito.

MARIA.

Qual ?

JULIA.

Protestarmos contra tudo , embora fiquemos para-tias.

MARIA.

Tens razao. Quantas não soffreram o mesmo, para

hoje, coitadas, servirem de ludribio aos homens que não indagão o passado de todas, que riem-se julgando que jamais poderam despertar um sentimento terno, Mal sabem esses que assim praticão, que essas infelizes abrigaram um só amor no coração, uma só escolha no pensamento, e resignadas esperaram, como se a esperança fosse uma realidade.

JULIA.

Confesso que me estás fazendo inveja.

MARIA.

Oh ! tu és feliz, tens um genio excepcional. Tens um bom irmão que te não ha de contrariar na tua afeição. Foste educada n'um paiz livre, onde se tem liberdade de pensamento e liberdade de coração.

JULIA.

Tu já leste Laboulaye !

MARIA.

Nunca.

JULIA.

Pois esse maganão é que conta d'essas caraminholas !
Cá e lá más fadas há !..

MARIA.

Comtudo, sempre é um paiz republicano !

JULIA.

Mãe ! não passemos da poesia á politica, porque não ha nada mais estúpido e improprio para as pessoas do nosso sexo.

MARIA.

Tens razão.

JULIA.

Porem dize-me: se Eduardo for franco, se fallar a teu pai acerca desse amor ?

MARIA.

Meu pai !.. Talvez o repellisse com escarneo.

JULIA.

Mas a razão ? Eu creio que o Commendador...

MARIA.

É commendador... não acceita uma alliança sem que traga outra commenda. Elle é, sem duvida, muito bom para mim, muito extremoso, mas tem desses prejuizos.

JULIA.

Isso agora é ser injusta de mais. Podes por ventura devassar o pensamento de teu pai ? Quantas vezes

nos enganamos ! É muito possível que succeda tudo muito ao contrario do que julgas.

MARIA.

Seria um phenomeno esse que a nossa sociedade registraria com pasmo !

JULIA.

Embora, mas os phenomenos entrão na ordem das cousas possiveis.

MARIA.

Todavia este é impossivel. Eduardo jurou amar-me sem nunca por esse amor me fazer soffrer. Já vês...

JULIA.

Que não te pedirá em casamento para que uma recusa de teu pai não te dê um minuto de dôr ?..

MARIA.

É verdade.

JULIA.

É espantosa semelhante abnegação !

MARIA, *indicando-o.*

Tu o vês alli ? Não imaginas o que me custou para conseguil-o.

JULIA.

Tambem isso já é de mais. Pelo que vejo elle é um...

MARIA, *tapando-lhe a bocca.*

Julia ! . . não o accuses. Se tu soubesses como nasceu em nós este amor !

JULIA.

Já me revelaste todo o teu poema. É um amor evangelico; mas a nossa sociedade pouco conhece a Biblia.

MARIA.

Oh ! já é tempo de reagirmos contra essa prepotencia, que nos esmaga; que nos entorpece a razão !

JULIA.

Reformemos, Mariquinhas, reformemos os abusos !
Ei. arvorero o estandarte republicano. Abaixo a tyrannia dos pais !

MARIA, *muito assustada tapa-lhe a bocca,*

Olha que elle pode ouvir ! . . .

JULIA.

Ora . . . tens ! . . . O poder absoluto impondo silen-

cio á livre manifestação do pensamento. Por consequencia; conservemos, Mariquinhas, conservemos as instituições.

MARIA.

Mas sempre será bom experimentarmos a sua opinião, empregando-se para isso os meios brandos.

JULIA.

Acho mais acertado.

COMMENDADOR, *da janella.*

D. Julia! Maria! Cheguem para cá.

JULIA, e *Maria subindo*

Para que, Commendador?

COMMENDADOR.

Para dar-lhes uma novidade. Vocês lembrão-se de um sujeito que fazia *peloticas* em nossa casa em Petropolis, quando lá estivemos passando o verão ha quatro annos?

MARIA.

Lembro-me perfeitamente. Que tem?

Está aqui na Côrte. segundo se collige d'este an-

nuncio que eu lhes vou ler. — O abaxo assignado, ultimamente chegado a esta capital, precisa fallar com o Sr. Eduardo Heirelles, que, segundo consta, achase nesta cidade exercendo a arte de pintor. O abaxo assignado pode ser procurado no Hotel Brazil, a qualquer hora do dia, & &. — *Leandro Gomes Nelson.*

JULIA.

É o mesmo.

MARIA, *aparte.*

E deseja fallar com Eduardo... o que será?

COMMENDADOR.

Não achão bom que o mande convidar para esta noite.

JULIA.

Seria uma felicidade. Elle é tão espirituoso! (*À Maria*) Cahio-te a sopa no mel.

MARIA, *distrahidamente.*

Como?

JULIA.

Não se demore, Commendador, aproveite enquanto é cedo; hoje é domingo e é muito provavel que um viajante como o Sr. Nelson tenha muitos convites.

COMMENDADOR.

No mesmo instante. . . (*Sahe para o interior do pavilhão.*)

MARIA.

Que disseste tu tão baixinho que não ouvi bem ?

JULIA.

Disse-tê que era chegado o momento d'apresentação.

MARIA.

Porque forma ?

JULIA.

Muito simples. O Sr. Nelsom, chega, falla-me, naturalmente, apesar de. . . Emfim fallaremos. Faço-o comprehender que conheço Eduardo. elle manda-o chamar e temo-lo comnosco.

MARIA.

E como não ficarei contente ? !

JULIA.

Até eu. Mas nota, minha Mariquinhas, que o pelotiqueiro vai apresentar o artista. Assim é bom. Temos sérias contas a ajustar.

MARIA.

De que ?

JULIA.

Já te não lembras que o Sr. magico fez-me uma declaração ? . . .

MARIA.

Agora me recorde. Por signal que o maltrataste tanto que nunca mais nos appareceu.

JULIA.

É verdade. Estava envolvido d'aquella infame intriga mas era innocente.

MARIA.

E ainda lhe tens odio ?

JULIA.

Não. Naquella occasião não sabia e nem pensava como sei e penso hoje. Então o pelotiqueiro era para mim um reptil social, e repelli a sua audaciosa declaração de amor como se repellisse o maior dos insultos. Hoje o pelotiqueiro é para mim um ente como qualquer outro. Os nossos politicos modificam suas opiniões de anno em anno. Em nós succede exactamente a mesma cousa em materia de amor.

MARIA.

Logo . . .

JULIA.

Serei outra Duqueza amando o saltimbanco das praças de Londres. Que queres? Depois que desprezei-o, comecei a amal-o. É muito possível que hoje não se lembre mais de mim.

MARIA.

Dúvido. O homem despeitado deve por força guardar resentimento. Demais, pôde muito bem ser que elle hoje não siga mais esse genero de vida.

JULIA.

Alegra-me essa esperança. Além disso, hoje em dia conta-se o que é, e não o que foi.

MARIA.

Segreda-me o coração que vou ser agora muito feliz.

JULIA.

E, na tua abstracção, não reparas em quem já se vae retirando.

MARIA.

Ah ! (Eduardo, tendo acabado de desenhar, desce; e ao passar pelo portão, joga uma carta para a scena. Maria corre a apanhal-a. O Commendador apparece a este tempo, ella suspende-se e disfarça. Julia, tem ido para a rede e não vê esta scena. Eduardo tem sahido pela D. A).

SCENA 2.

AS MESMAS e o COMMENDADOR.

COMMENDADOR.

Quem é aquelle accerrimo pintor que todos os domingos vem para ali desenhisar? Muito tem elle pintado, e eu não vejo por aqui o que tanto valha para o bom gosto de um desenhista. Quem é, saberá?

JULIA.

É um rapaz brasileiro, muito habil.

COMMENDADOR.

Brazueiro, concordo: habil, protesto.

JULIA.

Porque?

COMMENDADOR.

Ora o que é e que pôde aprender um pintor no Brazil?

JULIA.

O que!... No Brazil aprende-se tudo, sr. Commendador. Uns aperfeiçãoam-se mais, outros menos. Ha, porem, acima de todas as praticas uma cousa que fecunda n. America.

COMMENDADOR.

Ô que é . . . a preguiça ?

JULIA.

Não, o talento.

COMMENDADOR. *com ironia.*

Eu faço idéa !..

JULIA.

Está bom, Commendador, mudemos de assumpto!

MARIA.

Não . . . não mudemos de assumpto. Quero ser eu quem affirme a meu pai que aquelle é um pintor de genio.

COMMENDADOR.

Ali temos outra ! E como provas isso ?

MARIA.

Mostrando-lhe os seus trabalhos.

COMMENDADOR.

Quaes ?

MARIA.

Aquelles dois quadros que temos na sala de visitas na cidade.

COMMENDADOR.

Enfão esses dois quadros que eu comprei na exposição...

MARIA.

São d'elle, sim, senhor.

COMMENDADOR.

Mas como pôdes afirmar?

MARIA.

Pois se aquelle rapaz era o meu mestre de desenho no collegio!

COMMENDADOR.

Ah!... agora me recordo!... (*A parte*). E vem desenhar para aqui? Começo a desconfiar!... (*Alto*). Pois bem, hei mandar chamar-o para me tirar umas paisagens (*Julia e Maria acotovelaram-se muito satisfeitas de si. O Commendador percebe e diz aparte*). Hum!... é preciso hoje mesmo dar o golpe de estado. Experimentemo: (*Alto*) Agora quero dar-lhes mais uma noticia que deve agradar a ambas, visto como desejam-se mutuas felicidades.

JULIA, para Maria.

Estou lhe estranhando o estylo.

COMMENDADOR.

Pois como ia dizendo, recebi hontem uma carta em que se me falla a teu respeito, Maria.

MARIA, *estremecendo*.

Meus Deus !

JULIA, *á Maria*.

Dissimula o mais que fôr possível. (*Alto*) E o que diz essa carta, Commendador ?

COMMENDADOR.

Diz-me cousas a respeito de . . . sim, falla-me de casamento.

MARIA.

Para mim ? — (*O Commendador diz com a cabeça que sim*). De quem ?

COMMENDADOR.

Do senhor Barão de Biribá.

JULIA.

O Barão tem algum filho ?

COMMENDADOR.

Não é para outro; é para elle.

MARIA.

Misericórdia !

JULIA.

Um vento !

MARIA.

E o que pensa, meu pai .

COMMENDADOR.

Penso que é uma alliança honrosa, e desde já quero o teu sim.

MARIA, á Julia.

E agora, Julia ?

JULIA, o mesmo.

Dize-lhe que sim.

MARIA, o mesmo.

Julia não me compromettas.

JULIA, o mesmo.

Não, eu te salvarei. Dize que sim.

COMMENDADOR, que durante estes ápartes tem ido ao fundo e volta, diz:

Então ! O que respondes ?

MARIA.

Pois bem, meu pai, eu... se for de sua absoluta vontade, eu... obedeco.

COMMENDADOR.

Vê lá !.. se o Barão pedir-me uma resposta definitiva...

MARIA.

Diga-lhe que sim.

COMMENDADOR.

Dá-me um abraço.—(*Abraca-a*).

JULIA, *comprimentando-a*.

Saudo a Exm.^a senhora Baroneza de Biribá !

COMMENDADOR, *a parte*.

Está morrendo de inveja. (*Alto*) Não redicularise, D. Julia, é um titulo respeitavel.

JULIA.

E até euphonico. Biribá ! O que vem a ser biribá ?

COMMENDADOR.

É uma fructa do Pará.

MARIA. *à Julia.*

Vem, quero saber como me hasde livrar desse compromisso.

JULIA.

Vamos!—*(Saem para o pavilhão).*

MARIA. *parando.*

Ah! a carta!...

JULIA, *parando também.*

Qual carta?

MARIA.

Aquella.—*(Mostrando a carta que Eduardo joga para a scena.)*

JULIA.

É tua?

MARIA.

É.

JULIA.

Vamos apanhal-a. *(Descem, o Commendador levanta-se e volta-se ao tempo que ellas vão se abaixar para apanhar a carta. Maria solta um grito abafado e foge,*

Julia seguiu-a. O Commendador desparou-a como quem não as viu.

COMMENDADOR, *depuis que ellas sahem.*

Olá, uma carta! De quem será? Vejamos... (Abre a carta). Sem assignatura!... (Lê) «Hoje quero falar-te, custe o que custar. Que não nos surpreenda o Commendador. Se soubesses o que tenho para dizer-te?» Para quem será? Que tenho eu com elles? (depois de pensar). Ah! achei a significação (frizando as palavras seguintes): Que não nos surpreenda o Commendador. Isto é historia de namoro da tal senhora D. Julia, da minha sympathica republicana... Depois diga que é calumnia! que detrahe-se a sua reputação, como ha quatro annos quando quiz passar por victima! Pois heide surprehendel-os, heide ensinal-a a respeitar melhor a minha casa... e os boatos que correram a seu respeito ficarão patentes á luz do dia. De minha filha não podia ser semelhante cousa, de mais a mais annuindo ella, como tão francamente annuio, á proposta de casamento que acabo de fazer-lhe. Contudo será bom vigial-a para que não se deixe levar pelas theorias de sua amiga, que é invejosa, e pôde muito bem arredal-a do barão, para tomal-o para si. Esteve nos Estadós-Unidos e não ha muito que fiar. (Tira uns papeis do bolso, e cae-lhe um sem elle ver). Guardemos sempre este documento para mostrar a alguem que possa á vista delle dar-me esclarecimentos. (Arranja os papeis e guarda-os no bolso).—Sahe F. D.

SCENA 3.ª

JULIA, MARIA e logo depois o COMMENDADOR, D. CARLOTA e BELMIR.

JULIA, no pavilhão.

Sahio. — (Desce. Maria debruça-se no pavilhão e mostra a carta).

MARIA.

Lá está, apanha depressa antes que venha alguém.

JULIA, depois de apanhar a carta, sobe.

Creio que está aberta.

MARIA.

Seria elle ?

JULIA, dando-lhe a carta.

Talvez.—*(Vão para o interior).*

COMMENDADOR, dentro.

Ora bons olhos a vejão !..

D. CARLOTA, dentro.

Venha de lá esse abraço !..

BELMIRO, *dentro.*

Excellentissimo Sr. Commendador ! . . . (Entrão : o Commendador na frente, e D. Carlota e Belmiro mais atrás, assobiando a marcha do Orpheo nos infernos e fazendo uns passos de cancon).

COMMENDADOR.

Entrem, entrem. Chegaram em boa occasião.

BELMIRO, *subindo um degrau do pavilhão.*

Meninas, aqui estou eu, aqui está o Belmirosinho !

MARIA, *dentro.*

Ah ! (Belmiro corre espantado para a bocca da scena. O Commendador sobe para o pavilhão. D. Carlota, que ia sentar-se, levanta-se de um pulo.)

COMMENDADOR.

Que foi ?

JULIA, *apparecendo á janella.*

Nada. Não foi nada, Commendador; foi um susto que o Sr. Belmiro nos fez.

D. CARLOTA.

Já este endiabrado chegou fazendo travessuras.
(Senta-se; o Commendador desce).

BELMIRO.

Ea ?!

COMMENDADOR.

Mas diga-me, D. Carlota, como foi de saúde com esse tempo ?

D. CARLOTA.

Cada vez mais achacada da minha maracóza, e meu neto cada vez mais tólo.

BELMIRO.

Obrigado, vovó.

COMMENDADOR.

Ainda tem a mania de querer casar ?

D. CARLOTA.

E quando a' perderá ? Pensa este fedelho que casar é casaca.

COMMENDADOR.

Sabe quem vem hoje aqui ? O Barão de Biriba.

D. CARLOTA.

Deveras ? Melhor, estarei mais contente. Belmiro, meu filho, vá buscar um copo d'agua e chama essas meninas.

3.
COMENDADOR.
Será melhor subir.

D. CARLOTA.

Deus me livre! deixe-me gosar este freixo, que apanhei muito sol e sua casa é muito quente. *(Tira um lenço e enxuga-se. Vendo Belmiro que ainda está parado).* Então que é d'agua que mandei buscar?

BELMIRO.

JÁ vou, vovó *(Vai a sair. Maria e Julia descem do pavilhão. Maria vem pallida).* Oh! D. Julia! D. Maricas!...

JULIA.

Adeus, meu desfructavel.

MARIA.

Ainda não se esqueceu de me chamar Maricas?

BELMIRO.

Nunca, isso nunca. Assim como de D. Julia, a quem eu sempre... *(Quer beijar-lhe a mão, Julia empurra-o e elle vem-cahir sentado n'um degrau do pavilhão).*

COMMENDADOR, *que tem estado a conversar com D. Carlota.*

Que é isto?

BELMIRO. *levantando-se*

Não foi nada, não foi nada: era eu que...

D. CARLOTA. *levantando-se e abraça Maria e Julia.*

Tambem está cá a minha Juliinha? Minhas pombinhas. Como vão vocês, meus anjos? O que foi que este palerma fez?

BELMIRO.

Não foi nada, vovó, já disse que não foi nada !..

D. CARLOTA.

Aposto que já foste fazer gymnastica?

BELMIRO.

É verdade, queria fazer gymnastica.

JULIA.

Ha quanto tempo não tinhamos noticias suas?

MARIA.

Quando chegou de Cabo-Frio?

D. CARLOTA.

Ha cinco dias. Vocês sabem que sempre tive medo

de bexigas. É molesta aquella que o menos que nos faz é pôr-nos feias para sempre. Ellas andavão alvoraçadas por lá. e assim não tive remedio senão vir passar os tres mezes de festa com vocês.

MARIA

E meu padrinho como está ?

D. CARLOTA.

Não anda lá muito bom, não. Uma centopeia mordeu... lá nelle, salvo seja... aqui (*indica o pulso*) e tem estado com uma inflamaçãozinha renitente, que nem com o Credo em cruz, que eu lhe rezei, com oleo da alampada de S. Benedicto, melhorou ainda.

MARIA.

Coitado do meu padrinho !

D. CARLOTA.

Não é cousa de maior. Socega. (*Vendo Belmiro falando com o Commendador*). Oh ! excommungado ! pois ainda ahi estás ? Vae buscar-me essa maldita agua ! (*Belmiro vae a sahir, põe-se a fazer passos de dança durante as seguintes fallas*). Julinha, meu bem, você logo hade tocar-me a walsa das «Punhaladas de amor.» Sim ?

JULIA

Sim, D. Carlota

D. CARLOTA

E tu, minha Mariquinhas, cantarás a canção pre-
 ta (cantando) "Arvoredo tu já viste".

BELMIRO, *continuando o 2º verso.*

Joná
 A minha Jona mimosa ?

D. CARLOTA.

Desgraçado ! que é d'agua que eu te pedi ? *(Todos riam — Belmiro sabe para o pacilhão).* Este meu neto é quem me tem posto velha... de raiva. Mas o que tens, minha Mariquinhas, que estás tão triste.

COMMENDADOR.

Não tem razão para isso. *(Maria olha-o e afasta-se).*

JULIA.

Quem sabe !...

COMMENDADOR, *muito desconfiado, á parte.*

Querem ver que já temos alguma novidade ? !
(Alto). D. Carlota, quero dar-lhe uma boa noticia.

D. CARLOTA.

Venha ella; qual é ?

COMMENDADOR.

É o casamento de Maria com...

D. CARLOTA, *tossindo*.

Espere, espere... (*grita desafinadamente*) Belmiro !...
Belmiro !... Queira Deus que aquelle lórpa não achasse
se conversa ou comida.

COMMENDADOR.

Conversa, não, comida, é possível.

D. CARLOTA.

Misericórdia ! Corra depressa e vá tiral-o da meza.
Come como um alarve, e ainda não almoçamos, é
muito goloso. Vá...vá, Commendador. (*O Commendador sahe para o pavilhão*)

MARIA, *sahindo com Julia*.

Que desgraça, minha Julia ?

JULIA.

Deus se ha de compadecer de ti.

D. CARLOTA, *voltando-se*.

Que é isto, meninas? Onde estão vocês? Que vejo!

Uma rede ! Sahe, sabe, minha joia. Que bello ! Deixu-me metter ali dentro (*deita-se na rede*). Isto é a melhor cousa que os inglezes inventaram.

JULIA, *vindo.*

Os inglezes não, os indigenas.

D. CARLOTA.

Tanto faz um como o outro são uma sucia de trantales.

MARIA, *á parte, afastando-se e vindo sentar-se n'um sofá.*

Quem havia de suppor isto, meus Deus ! (*Chora*).

D. CARLOTA, *gritando.*

Belmiro ! Commendador ! Aquelles dois demonios estão apostados para fazerem-me morrer de sêde. (*Á Julia*). Embala, meu bem, embala. (*Julia embala a rede.*) Assim. Oh ! que fresco saudavel ! Hoje passo o dia todo deitada nesta rede.

MARIA, *á parte.*

O ! meu Deus !

JULIA.

Logo aqui faz muito sol !

D. CARLOS

Não importa, sempre corre uma aragemzinha

MARIA, indo a Julia e fallando baixo.

Então, Julia, o que me prometteste?

JULIA, baixo á Maria.

Não te vexes; eu a farei sahir d'aqui, ainda que seja preciso cortar os cordões da rede e quebrar-lhe o espinhaço.

MARIA.

Sempre és muito exagerada (*afasta-se*).

JULIA.

Deixa estar por minha conta (*continúa a embalar a rede com mais força*).

D. CARLOTA.

Belmiro! Belmiro! (*Belmiro apparece com um copo na mão*). Ora, graças ás cabaças!..

SCENA 4.^a

AS MESMAS e BELMIRO.

BELMIRO.

Aqui está! Aqui está! Eu não estava comendo,

não (Julia embala a rede. D. Carlota quer tomar o copo. Belmiro avança e recua, conforme o movimento da rede; em uma das vezes, porém, espera, a rede bate-lhe em cheio sobre o braço e Belmiro deixa cair o copo dentro da rede. D. Carlota grita furiosa).

D. CARLOTA.

Os diabos te carreguem! excommungado, bruto, ladrão de cavallo! Dê-m-me um pau, que eu quero matar esta coisa ruim.

MARIA e JULIA.

Que foi?

BELMIRO.

Foi a rede, vovó. Para que vosmecê foi metter-se nesta sepultura aérea?

D. CARLOTA.

Ainda em cima estás-me jurando. Espera que eu já te ensino! Meninas, ajudem-me a sahir d'aqui que estou toda molhada. (Riem e ajudam a D. Carlota a sahir da rede).

COMMENDADOR. *apparecendo no pavilhão.*

Que aconteceu.

D. CARLOTA.

Uma desgraça. Estou molhada!

COMMENDADOR, *descenda para a scena.*

Levem D. Carlota para cima e dêo ordem para almoço, que são quasi nove horas.

D. CARLOTA.

Belmiro, marcha adiante ! Eu te ensinarei, patife.

BELMIRO.

Sim, vovó, depois do almoço. Ouvio ? *(Sobem todos, excepto o Commendador).*

COMMENDADOR, só.

É preciso concluir o mais breve possível este casamento. Os escrúpulos do Barão estão vencidos, visto que Maria está disposta a não contrariar a nossa vontade. Por consequencia evitemos qualquer contratempo que possa apparecer. *(Ouve-se rodar um carro).* Creio que ali vem o Barão ! *(Sobe ao fundo e olha para a D.)* Não... não é elle, é... Oli ! não me engano. O Sr. Leandro Nelsom !

SCENA 3.^a

O MESMO e LEANDRO, elegantemente vestido.

LEANDRO.

Já vejo que não fiz grande mudança, pois reconhe-

cei-me logo! (Aparta a mão do Comendador e des-
cem aombos).

COMENDADOR.

Com respeito, apesar de estar mais perdido.

LEANDRO.

Com respeito ao Rio de Janeiro, (os emigrantes) ou-
tra as fides, e mudança de costumes, e eu engra-
dei e posso sempre sentir (Solta-se).

COMENDADOR.

É quanto tempo esteve por lá?

LEANDRO.

Tres annos e mezes.

COMENDADOR.

Dando espectáculos, já se vê...

LEANDRO.

Nada, meu amigo, já não sou mais pelotiquero.

COMENDADOR.

Ab! como voluntario da patria?

LEANDRO.

Tambem não.

COMMENDADOR.

Então não posso advinhar.

LEANDRO.

Pôde, pois não. Por ventura só como voluntario da patria é que se ia para o *rio da prata*.

COMMENDADOR.

Bem, no Rio da Prata ha muitos lugares de se estar. Mas eu refiro-me ao Paraguay.

LEANDRO.

Pois, sim, no Paraguay. Pois para onde ião os voluntarios ? Eu servi ao exercito, servindo ao Brazil em geral e a mim em particular.

COMMENDADOR.

Não comprehendo.

LEANDRO.

Nesse caso, sou eu que estranho em V. Exc. a falta de penetração, o que não tinha ha quatro annos !

COMMENDADOR.

Ah ! meu amigo, a mudança de um dia, é a mudança de muita cousa. O Sr. bem sabe que a memo-

46
ria de quem tem cinquenta e cinco annos, não é a mes-
ma dos vinte oito.

LEANDRO, levantando-se.

Pois, meu caro commendador, saiba que estive no
Paraguay durante toda a guerra, «mas no exercicio
commercial...»

COMMENDADOR, levanta-se.

Agora entendo. Fez fortuna ?

LEANDRO.

Pouca. Não ganhei como outros, que forneceram:
mas, enfim, ganhei com que viver, sem mais ser pre-
ciso empalmar.

COMMENDADOR.

Dou-lhe os meus parabens. Aquillo por lá havia de
render; heim ?

LEANDRO.

Podia não render tanto, se a honra regulasse todos
os negocios; mas infelizmente forão suspensas certas
garantias, e cada um foi enterrando seu pai como
poude... (Faz um gesto de roubar).

COMMENDADOR.

Mas eu creio que o Sr. ... não ...

Mas eu creio que o Sr. ...

LEANDRO.

Essa é boa f... e porque? ... Se é este o sistema empregado como o melhor e mais vantajoso? Se aquelles que já têm com que gosar a vida independentemente ainda o fazem! Porque razão não hão de fazer os outros que precisam?

COMMENDADOR.

Pelo amor de Deus! Isso não é, nem pôde servir de regra. Então porque vemos no mau procedimento de uns uma fortuna inqualificavel, devemos seguir-lhes as pisadas para o mesmo resultado? Não. Sigamos a estrada do bem; é mais custosa, porém conseguem-se maiores triumphos, porque fica-nos a consciencia livre de remorsos.

LEANDRO.

Consciencia!... palavra comprida e elastica de mais para nós.

COMMENDADOR.

Porque?

LEANDRO.

Por que a parabolha da adultera só tem hoje boa applicação aos especuladores. Quem na compra e na venda, se anima a arremessar a pedra em outro de consciencia limpa?

COMMENDADOR.

Conheço muita gente com o direito de o fazer.

LEANDRO, *ironico.*

É mais feliz do que eu, que só conheço um homem de consciência limpa.

COMMENDADOR.

Quem é ?

LEANDRO, *dando uma gargalhada.*

V. Exc.

COMMENDADOR, *resentido.*

Sr. Leandro !..

LEANDRO.

Perdão, eu não admitto consciencia e dignidade em certos arranjos. Já tiveram o seu imperio ! Hoje é isso que contrabando como outro qualquer, que subtrahimos ás vistas da alfandega por onde passa. A consciencia, em nós outros, regula com a consciencia do deputado feito pelo molde ministerial, á capricho e interesse da occasião

COMMENDADOR.

O Sr. está desarrazado.

LEANDRO.

Oxalá que o estivesse. O Commendador não me tomaria tão de prompto o pião á unha como se costuma dizer.

COMMENDADOR.

Que diz ?

LEANDRO

Digo, meu caro Commendador, que somos amigos, e que sei guardar um segredo. Mais tarde tenho muito que lhe dizer. Note porém que existem homens que são condemnados como extravagantes, homens, cuja apparencia má obriga os pais de familia a fecharem-lhe suas portas com receios infundados. Ao passo que ha outros, hypocritas, falsarios e ladrões, que gosão de todas as garantias, todas as considerações, só por que são ricos, ou fazem-se passar por tal.

COMMENDADOR, *á parte.*

Este homem assusta-me. (*Alto*). Sr. Leandro, accaso offendi-o alguma vez ?

LEANDRO.

V. Exc. ? Nunca.

COMMENDADOR.

No entanto parece que o Sr. dirige-me todos esses epygrammas que até aqui tem feito. Não sei que relação possa ter commigo o seu arrazoado ? O Sr. nutre por força contra mim alguma prevenção.

LEANDRO.

Está enganado. Se exaltei-me, foi só por estranhar em meu mestre de ha quatro annos theorias oppostas ás suas mesmas lições.

COMMENDADOR.

As minhas lições ? ...

LEANDRO.

Andemos de conversa, Commendador; vejo que é muito esquecido, e eu muito precipitado em dizer verdades.

COMMENDADOR.

Porém sempre é preciso que saiba...

LEANDRO.

Repare que ahí vem sua filha, e mais outra senhora.

SCENA 6.^a

OS MESMOS, MARIA e JULIA.

MARIA.

Meu pai, são horas, o almoço está na meza. (*Vendo Leandro*). Ah ! o Sr. Leandro...

LEANDRO.

Um criado de V. Exc. (*Vendo Julia*). Minha senhora !...

MARIA.

Então, Julia, já não conheces o Sr. Leandro ?

Eu ... era essa? Pois não a havia de conhecer?
 Como tem passado Sr. Leandro? (Estendendo-lhe a
 mão).

LEANDRO, apertando-lhe a mão

Bem, minha senhora; e V. Exc. sempre alegre, sem-
 pre feliz?

JULIA, passa e diz baixo

Tenho muito que lhe dizer.

COMMENDADOR, á parte.

Este homem sabe alguma cousa, será bom preve-
 nir-me contra elle. (Alto). Vamos almoçar. Sr. Nelson
 tenha a bondade de subir.

LEANDRO.

Deſculpe-me, Commendador; já almocei, e, segundo
 os antigos habitos, eu não faço cerimonia em sua ca-
 sa. Sou ainda o pelotiqueiro de outro tempo. (Diz isto
 olhando para Julia que abaixa os olhos).

COMMENDADOR.

Como quizer. Não vem, D. Julia?

JULIA.

Mais tarde. Quero fallar ao Sr. Leandro. Já vou.

LEANDRO, *á parte.*

O que será?

COMMENDADOR, *idem subindo.*

Isto cada vez complica-se mais.

MARIA, *apertando a mão a Leandro.*

Sr. Leandro, *(Sai com o Commendador).*

SCENA 7.^a

LEANDRO, e JULIA.

LEANDRO, *curvando-se diante de Julia.*

Minha senhora. . . consinta que um homem arrepen-
dido de uma offensa que fez, curve-se na esperança do
perdão.

JULIA, *erguendo-o.*

Como perdorei a quem não me offendeu?

LEANDRO.

Offendia-a, e essa offensa foi retribuida com outra
igua? Porém a mulher que havia sido tão infamemen-
te calumniada tinha direito de julgar-me como julgava
os outros.

JULIA, *supplicando.*

Senhor!

LEANDRO.

Perdoe se lhe recorde um passado angustioso para nós ambos. Chamou-me pelotiqueiro ! Tinha razão, eu deveria lembrar-me antes de tudo de minha triste posição. Hoje porém está tudo acabado, e posso dizer sem córar que nunca fui um assassino, nunca fui um ladrão.

JULIA.

Oh ! mas eu nunca insultei-o assim !

LEANDRO.

Não, não é por V. Exc. que digo isto.

JULIA.

Chamei-o pelotiqueiro, é verdade. Mas sabe porque ? Não foi por julgar-o indigno do meu amor; mas sim, por ter o Sr. pertencido, por um momento, áquelles que tanto me calunhiavão.

LEANDRO.

Ah ! e nunca lhe disserão que somente eu a defendia, minha senhora ?

JULIA.

Disserão... porém foi tarde. O Sr. partio e somente agora posso dizer-lhe: Eu... eu... peço-lhe tambem perdão da minha offensa.

31
Leandro, caindo-lhe aos pés.

Ab. D. Julia! Que que eu morra de alegria?

JULIA.

Não, quero que viva para proteger aquelles que esperão do Sr. a salvação.

LEANDRO.

E o que eu não farei, ordenando-me V. Exc. !...

JULIA.

sim, quero que seja meu alliado.

LEANDRO.

Agora, D. Julia, peço-lhe um favor.

JULIA.

Diga.

LEANDRO.

Disse-lhe ha pouco que nunca fui ladrão, e não obstante subtrahi um objecto sem licença de seu dono. No código crim. tal isso tem uma significação que eu não me recordo, porém nas leis da *escamotagem* chamamos simplesmente esquecimento. E como fosse esse o primeiro e o ultimo que pratiquei, quero restituil-o a seu dono, para que em tudo comprove o meu dito:--nunca fui um ladrão--.

JULIA.

Concedo o favor, fazendo-me outro.

LEANDRO.

Prometto. Qual é ?

JULIA.

Não... diga primeiro o seu.

LEANDRO.

Está bem, dou-lhe a minha palavra de honra que lh'o direi mais tarde.

JULIA.

Quando ?

LEANDRO.

Um dia.

JULIA.

Infelizmente o meu é já, e em poucas palavras. O Sr. procura Eduardo Meirelles ?

LEANDRO, *admirado.*

Sim, minha senhora, conhece-o ! Onde está ?

JULIA.

Perto d'aqui. Mande-o chamar em seu nome, peça licença ao Commendador e apresente-o. É muito necessario que elle aqui venha hoje. Eu me encárrego de remetter-lhe o seu bilhete.

Leandro; tira da carteira um bilhete de visita e escreve com o lápis.

Eis aqui, minha senhora. Feche n'um envelope e mande-o.

JULIA.

Oh! como lhe serei eternamente agradecida!... Aperta a mão de Leandro, sobe ao pavilhão lança-lhe um olhar e some-se para o interior.

LEANDRO, só.

Sempre bella! É a mesma mulher ainda! Amo-a como se ama no primeiro amor. Será possível que seja esse Eduardo mais feliz do que eu? Como sou desgraçado! E o seu retrato! Heide entregal-o tambem? Abre uma cassoleta que traz pendente do relógio e beija-o. Não!... Será minha ao menos assim. Que importa ser rico, ser honrado! Que importa ser tudo que é possível julgar de bom no homem, se a mulher que se ama, louca e desesperadamente já olhou-nos e fugio contrariada de nos ver. Ah! é a Eduardo para quem eilla pede a minha protecção? É á elle a quem eilla ama? Não importa, cumpra-se o sacrificio. Gabino Rivera... farei tudo por ti filho, até o impossivel. (Depois de meditar). Mas agora me lembro que ainda me falta saber se...

SCENA 8.

LEANDRO e o BARÃO, que apparece montado n'um burro. apóia-se e amarra o burro na grade do fundo.

BARÃO, logo que apparece.

Mais burro é quem monta em burro !

LEANDRO.

Oh ! meu estimadissimo Barão ! Pensava agora mesmo na sua sympathica pessoa. Como se explica isto ?

BARÃO, *descendo*.

Isto explica-se mui facilmente. O Sr. não é magico ? Attrahio-me com a sua varinha de condão.

LEANDRO.

Vamos fazer uma aposta, Barão ?

BARÃO.

Vamos. A que respeito ?

LEANDRO.

Em como não diz outra coisa de tanto espirito durante este anno.

BARÃO.

Como está o Sr. enganado ! Ha certo tempo para cá tenho estado tão aguçado que nem o defunto Prospe-

no da Marmota me ganha. Ao menor dito, que se me lança, acudo com uma presteza prodigiosa e sempre com as melhores lembranças.

LEANDRO.

Faço idéa.

BARÃO.

Oh! eu com a minha vida commercial, deixei sempre *de banda* os livros instructivos para só me occupar com o Ruzão e o Caixa. Nesses nada mais aprendi do que a sommar, e...

LEANDRO.

E guardar.

BARÃO.

E guardar, sim, senhor. Pois como eu ia dizendo Depois de conseguir uma fortuna, soffivel, quebraram os banqueiros e eu quasi que fico na *pindahiba*, como diz o meu coxeiro. Mal me arranjo e consigo um pecculosinho, zaz! fazem-me Barão—que aqui para nós—foi-me um peccado; mas, enfim, sou alguma coisa.

LEANDRO.

Porque chama então peccado?

BARÃO.

Porque, além de dar uns pretos velhos para voluntarios da patria, cahi na ébia de offerecer dinheiro para a guerra, quando só pelos pretinhos eu podia lo-

go estar arranjado. Ah ! Custou-me bem a gastar esse dinheiro.

LEANDRO.

E lá se foi toda a sua fortunasiinha.

BARÃO.

Não, isso não. O cambio sempre deixou-nos alguma coisa.

LEANDRO.

Eu logo vi.

BARÃO.

Ah ! meu amigo, que máina ! A guerra foi má para o Brazil, porém devia ainda durar mais.

LEANDRO.

Que desejo selvagem !

BARÃO.

Qual selvagem ! A guerra, se continuasse, limpava-nos a sociedade com os alistamentos, e não ficando só os barões, commendadores, emfim a melhor gente. Até para o Sr. e os *comicos* isso seria bom, por que somos os que sabemos pagar melhor os seus beneficios. Mas, voltando a vacca fria, isto é, ao meu titulo. Custou-me caro, mas é bom. Disseram ahi que foi um imposto á vaidade, mas qual, nem por isso. Ah ! se todos os impostos geraes e provinciaes fossem assim seriamos muito felizes.

LEANDRO.

Mas não me diga, Barão, onde limou o seu espólio?
 Já-me dizendo, e fugiu-me com a história do seu tí-
 tulo.

Barão

Ah! sim. Eu deixei os livros de commercio; e, uma
 vez sendo Barão, tive de estudar alguma coisa, para
 dizer nas reuniões aristocráticas, nos bailes & c.

Que fiz? Comprei um livrinho muito afamado, em
 casa do Laemmert chamado... chamado...

LEANDRO.

Chamado...

Barão.

Ora não querem ver o diabo? Esqueci-me ~~de~~ nome
 do livro!...

LEANDRO.

Estuda, e não sabe o nome do livro em que estu-
 das! Esta só de barão.

Barão.

Ora, morreu o Neves! Não faltava mais nada do
 que um barão ocupar-se com essas ninharias!.. Leio
 do melhor para o fim, é quanto basta.

LEANDRO, rindo.

Faz muito bem, e para que tanto!.. (sobe e olha

para a D.) Oh! será elle? Observemos primeiro
(Alto ao Barão) Barão, vá falar com o Comendado,
 preparem o *voltarete* que eu já vou. Tenho de tratar
 com uma pessoa aqui em particular.

BARÃO.

Tem razão, aqui está fazendo calor. *(Sobe e ao en-
 trar no pavilhão volta-se e chama Leandro com um
 psiu.)* Ah!... sabe em que livro? Na Encyclopedica
 do riso e da galhofa. *(Sobe).*

LEANDRO, rindo.

É um burro! *(Sobe.)* Eil-o 'ahi! Onde me esconde-
 rei? Ah! *(Dei'a-se na rêde).* Este grupo de arvores
 occulta-me muito bem.

SCENA 9.^a

LEANDRO, na rêde, EDUARDO, ao fundo observan-
 do receioso a scena e logo depois MARIA, que appa-
 rece no pavilhão.

EDUARDO.

Entro sempre acanhado nestas casas. Este ar aba-
 fa-me apezar de livre!... Aqui nunca poderei estar bem,
 qualquer olhar mais demorado faz-me desconiâr e pa-
 rece-me logo ouvir dizer:—O que vem cá buscar este
pinta-monos?—E assim afasto-me sempre com medo,
 porque sinto-me capaz de esmagar um miseravel que
 faça pouco em mim... Porem ella! ella que eu amo

com um amor nunca visto, com uma febre louca! Ah! pobre de mim! Não a fugas *só pra*! Pinter, volta para a tua casa! Não te absorvas nesta luta desigual, por que não tens forças, para resistir! (Vai para sair e volta). Mas não, não devo sair; fui chamado, o que posso recetar? (Maria aparece). Ella! Oh! Meu Deus, dai-me força e coragem!

MARIA, desbrucando-se no parapeito.

Eduardo! chega-te aqui, depressa!

EDUARDO.

Maria, vê que não nos comprometam!..

LEANDRO, subindo da rede.

Não é ella! Graças, meu Deus!

MARIA, desce até o penultimo degrão e pára com um papel na mão.

Eduardo, tu tens coragem?

EDUARDO.

Essa pergunta!

MARIA.

Queres um talismã para triumphares sempre, e a luta for forte?

EDUARDO.

Lucta? Luctar com quem?

MARIA.

Não sabes. Pois bem, prepara-te para o golpe. Meu pai quer casar-me com o Barão de Biribá.

EDUARDO.

Ah! desgraçado d'elle!..

LEANDRO. *sabindo da réde.*

Não casará, affirno-lhes eu!

MARIA, *um pouco assustada.*

Ah!.. O senhor!

LEANDRO.

Eu mesmo.

EDUARDO.

E quem é o senhor?

LEANDRO.

Silencio!

JULIA. *na janella do pavilhão.*

Teu pai e o Barão ahi vêm!

MARIA. *mostrando Leandro.*

Não ha receio. (*Desce com Julia.*)

SCENA 10.^a

OS MESMOS. COMMENDADOR pelo F. com o BARÃO
e BELMIRO.

COMMENDADOR.

Belmiro leva este barro para a *estibaria*. (*Reparando em Eduardo ao tempo que Belmiro monta no barro e sahe*) *Oh!* o senhor aqui! O que quer? Quem o chamou.

EDUARDO.

Ninguem. Nada *querer*.

LEANDRO.

Quer tudo. Quem o chamou fui eu.

EDUARDO, COMMENDADOR e o BARÃO.

O senhor!..

LEANDRO.

Admiram-se? O senhor chama-se Eduardo Meirelles.

EDUARDO.

Sim senhor.

LEANDRO.

Pois eu conheci seu *pai*, e trago-lhe suas ultimas *vontades*.

EDUARDO, *estremecendo.*

Meu pai! E eu que não o conheci!

BARÃO.

Nem eu o meu, e sou Barão.

LEANDRO, *tomando Eduardo pela mão.*

Senhor Commendador, dá licença que lhe apresente este cavalheiro?

COMMENDADOR.

Pois não!

LEANDRO.

E o senhor Barão também.

BARÃO.

Essa é boa!

LEANDRO.

Meus senhores, tenbo a honra de apresentar-lhes o Sr. Eduardo Meirelles, muito distiucto pintor desta cidade e filho do *condemnado Sabino Rivera.* (*Eduardo cobre o rosto com as mãos.*)

COMMENDADOR, *cahindo n'uma cadeira.*

Ah!

MARIA, *acudindo.*

Meu pai!

BARÃO *espantado.*

O burro ? Volto para a cidade, tenho *invito* que fazer.

LEANDRO.

Senhor Barão !

BARÃO, *gritando.*

Tragão o meu burro.

SCENA 11.

TOIDOS e D. CARLOTA, do terraço do pavilhão.

D. CARLOTA.

Acudão! acudão meu neto, que montou no seu burro, Barão, e lá vai com o freio nos dentes a toda destilada ! Acudão ! acudão ! senão morre !...

BARÃO, *desorientado corre para o fundo e sahe gritando.*

Tomem-lhe a frente ! tomem-lhe a frente !... (*grande confusão. Julio tem subido para junto de D. Carlota e observa para fóra. Maria, ajoelhada junto ao Commendador, contempla-o.*)

Cahe o pano.

ACTO 2.^o

Sala em casa do Commendador mobiliada ao gosto moderno. Na D. B. uma secretaria com livros, papeis, tinteiro, etc. Na E. B. sofá e cadeira de balanço etc. Ao fundo tres janellas, deixando ver outras casas. Portas lateraes a D. e a E. É dia.

SCENA 1.^a

MARIA, só sentada junto á secretaria lendo uma carta. Está pallida com os cabellos soltos e no maior desalinho.

«Espera por mim. Mariquinhas; eu entrarei sem me fazer anunciar, e só contigo combinarei o que devemos fazer. Resiste o mais que fôr possível; ainda mesmo que teu pae te ameace, nada temas: eu te salvarei.» (*Maria depois de ler enxuga os olhos, e depois de uma pequena pausa*). Ter de lutar, desobedecer a meu pai! Supportar o seu olhar choleric... E por que, meus Deus, porque amo!... Oh! sim, mas se este amor é o mais puro, o mais santo que appareceu na terra. Sou muito desgraçada. Por que não nasci eu pobre! Como não seria livre o meu amor! E meu pai não seria surdo então a este sentimento nobre de meu coração! Não m'o esmagarião, como lentamente o estão fazendo!... (*erguendo-se*). Pois bem, é Deus que não quer este sacrificio! Resistirei, resistirei ainda que meu pai me amaldiçoe. Mais tarde elle me perdoará.

D. CARLOTA e o COMMENDADOR.

COMMENDADOR, *dando o braço a D. Carlota.*

Então acha a senhora que procedi bem obrigando Maria a casar com o nosso amigo ?

D. CARLOTA, *coxiando de uma perna.*

Sem duvida ! É o que compete fazer. Isto de um pai estar pelos caprichos de sua filha, é a peor de todas as condescendencias. Olhe, se meu pai não me obrigasse a casar com o defunto Pantaleão, *onde* iria eu parar ? Á estas horas estava ainda no degredo.

COMMENDADOR.

Porque ? Soffreu alguma coisa por esse motivo ?

D. CARLOTA.

Então você não sabe ?

COMMENDADOR.

Á respeito de seu casamento nada sei. Nesse tempo o que era eu.

D. CARLOTA.

Tem razão; mas vou-lhe contar como foi.

COMMENDADOR, *preparando-se para escrever.*

Estou ouvindo.

D. CARLOTA.

Manoel Tobias Carapeba, era um rapaz bonito, agradável, moço do tom. Cantava modinhas e tocava violão: enfim era bahiano. Eu gostava d'elle como quem gosta do que é bom. Pedio-me em casamento e meu pai logo se oppoz... fazendo-me conhecer o defunto nessa occasião e dizendo que meu marido é o Sr. Pantaleão. Foi dito e feito: casei com o defunto, com bem pena do meu Tobias, que logo no dia seguinte ao casamento, por volta de meia noite, veio-me cantar uma modinha em que me punha mais chata que um prato. No meio d'isto appareceu o «*turundumdum*» de 1831, e o Sr. Carapeba metten-se n'elle, foi agarrado e degradado não sei para onde. Se meu pai não me obrigasse o que teria sido de mim? Estava morta ha muito tempo, porque não era com modinhas que haviamos de viver. Assim foi melhor: o meu Pantaleão fez-me muito feliz, apesar de nunca esquecer-me do meu revolucionariosinho.

COMMENDADOR, *parando de escrever.*

Tem razão. O mesmo farei com Maria, para que se realize o mais breve possivel o casamento do Barão, em virtude de sua proxima partida para a Europa.

D. CARLOTA.

Que me diz! Então sempre é certa a retirada?

COMMENDADOR.

Tenho até em meu poder todo o seu capital liqui-

dade, porque, como sabes, o Barão tem sido mais infeliz do que eu. Perdeu muito com as quebras de 1864 e hoje a sua fortuna pôde quando muito chegar a trezentos contos. Além disso, vai ver se arranja — *um certo negocio* — no Porto, que o hade demorar seguramente um anno. Já vê que é preciso apressar o casamento, porque, logo que Maria estiver na Europa, esquecerá tudo pelos encantos de uma vida nova, cheia de atractivos.

D. CARLOTA.

Mas isso leva tempo, não sei para que ir logo depois de casada. A menina enjôa naturalmente, e o enjôo na lua de mel não é nada bom.

COMMENDADOR.

Mas se o Barão quer!... Que lhe havemos de fazer. Depois elle tem necessidade de ir a Braga comprar uma propriedade para a familia do seu caixeiro, que muito breve será socio da casa.

D. CARLOTA.

Então o Rodrigues, caixeiro do Barão, é de Braga?

COMMENDADOR.

E.

D. CARLOTA.

Eu logo vi. Quem é bom não pôde deixar de ser de bom lugar.

COMMENDADOR.

Porque?

D. CARLOTA.

Porque o meu Pantalão era de *-Braga-ao-pé-*—e elle sempre me dizia que lá se amava muito a Deus, ao Rei, aos Santos, e aos Padres.

COMMENDADOR. *rindo.*

Logo são estes os predicados que a fazem bôa?

D. CARLOTA.

Pois então! Na minha humilde opinião, a terra em que houver muitos padres, é sempre a mais ollhada por Nosso Senhor Jesus Christo.

COMMENDADOR. *fechando a carta.*

Sendo assim, tem razão.

D. CARLOTA.

Mudando de um *polo a outro hemisferio*, diga-me, Commendador: aquelle magico que fim levou? Desde o celebre dia em que o meu estonteado neto hia morrendo por causa do burro do Barão, nunca mais appareceu-nos.

COMMENDADOR.

Anda por ahi ás voltas com o tal pintor.

D. CARLOTA.

Qual, o que pedio a Mariquinhas?

Tal...
quando nasceu

Barão...
em nome de minha mãe

Vá esperando.

EDUARDO para o Doutor, entregando a letra do Barão.

Agora, Doutor, o meu último serviço. Seja V. S. co-
mo médico, como sacerdote da caridade, quem applique
esta quantia em favor da—emancipação da escravatu-
ra—em memoria de uma santa, em nome de minha
mãe.

emancipação

DOCTOR, abraçando-o.

Muito bem, senhor ! Muito bem ! Prove ao mundo
que o artista,—é nobre até vingando-se !... (Todos
vão successivamente apertar-lhe a mão. O panno cahe
lentamente).

Fim.

Pará--Junho de 1871.